



www.enaphem.com



## Trajetórias em um Curso de Matemática: um olhar para três professores da cidade de Pelotas (1930-1970)

Trajectories in a Mathematics Course: a look at three teachers from the city of Pelotas

*Laura Leal Moreira<sup>1</sup>*

*Emerson Rolkouski<sup>2</sup>*

*Diogo Franco Rios<sup>3</sup>*

### Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar compreensões a respeito do Curso de Matemática da UCPel, a partir das trajetórias de três professores egressos desse curso, criado em 1960, no âmbito da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), tendo sido o primeiro curso de formação de professores de matemática da região. Cabe ressaltar que esse trabalho é parte integrante de uma tese de doutoramento, desenvolvida no âmbito do Programa da Pós-graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que objetiva tecer compreensões sobre a formação, atuação de professores e a institucionalização do Curso de Matemática, criado em 1960, no âmbito da UCPel. Para esse texto, apresentaremos as articulações profissionais de Regina Al-Alam Elias, Maria Emilia Tavares e Lino de Jesus Soares, através de uma narrativa, delineando traços da formação de professores de matemática da cidade de Pelotas, entre os anos de 1930 e 1970. Este trabalho se apoia nos recursos teóricos-metodológicos da História Oral,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM- UFPR). Universidade Federal do Paraná (UFPR). Grupo de Pesquisa em Educação Matemática (GPEM). E-mail: lauraamoreira@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Educação Matemática (UNESP- Rio Claro). Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro do Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM). E-mail: rolkouski@uol.com.br.

<sup>3</sup> Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS). Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Líder do Grupo de Pesquisa História, Currículo, Cultura e Educação Matemática. E-mail: riosdf@hotmail.com.

praticada assim como o Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM) vem a entendendo.  
**Palavras-chave:** Narrativas; Formação de professores; UCPel; História Oral.

---

## **Introdução**

Este trabalho tem como objetivo apresentar compreensões a respeito do Curso de Matemática da UCPel a partir das trajetórias de três professores: Regina Al-Alam Elias, Maria Emilia Tavares e Lino de Jesus Soares. Trata-se do primeiro de formação de professores de matemática, em nível superior, da região sul do estado do Rio Grande do Sul -RS, criado no ano de 1960, no âmbito da Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

Ademais, cabe ressaltar que esse trabalho é parte integrante de uma pesquisa de doutoramento que busca tecer compreensões sobre a formação, atuação de professores de matemática e a institucionalização do Curso de Matemática da UCPel, no ano de 1960, na cidade de Pelotas-RS. Para a concretização desta proposta foram entrevistados professores de matemática, que estiveram envolvidos no movimento de articulação profissional em busca de um espaço formal de formação de professores, em nível superior, segundo os pressupostos teórico-metodológicos da História Oral (HO), constituindo fontes escritas a partir da oralidade que comporão versões históricas a respeito destes movimentos.

Assim para este trabalho, apresentaremos as articulações profissionais de Regina, Maria e Lino através de uma narrativa, delineando traços da formação de professores de matemática da cidade de Pelotas, entre os anos de 1930 e 1970.

Deste modo, na primeira seção deste trabalho apresentaremos nossos colaboradores indicando quem são estes professores e os situando diante de nosso objeto de estudo. Logo em seguida, através das narrativas de nossos colaboradores, constituímos uma versão histórica possível da formação de professores de matemática da cidade de Pelotas, a partir das trajetórias de Regina, Maria e Lino no Curso de Matemática da UCPel. Por último, apresentaremos considerações parciais do que já conseguimos apontar até o presente momento da escrita deste texto.

## Três trajetórias e uma versão histórica possível

Essa pesquisa se insere dentro do Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM), dessa maneira, compartilhamos pressupostos dos modos de entender e conceber história que esse grupo vem praticando. Nesse grupo, criamos fontes escritas produzidas a partir da oralidade, com variadas finalidades, sendo uma delas realizar uma operação historiográfica.

Assim, entendemos uma operação historiográfica como o movimento composto por um conjunto de ações, que se iniciam com a opção por algumas fontes para, a partir delas, analítica e metodicamente, compor uma narrativa (GARNICA, 2016, p.42). Utilizar a história oral nesse sentido, implica inaugurar essa operação com as fontes orais produzidas e seguindo o fluxo desta operação pesquisa, incorporar outras fontes que possam apoiar a criação da narrativa.

Nesse trabalho, por exemplo, intencionamos a composição de uma versão histórica possível, a partir das narrativas. Ou seja, deseja-se olhar para as fontes produzidas a partir das entrevistas com Regina, Maria e Lino, para o objeto de estudo desse trabalho – as trajetórias de formação destes professores – e para o que há de produções historiográficas que discorra sobre esse movimento, compondo narrativas. Estas serão guiadas e marcadas pelas interpretações que nos tocam sobre essas dinâmicas.

Desejamos compor uma versão histórica possível<sup>4</sup>, dentre tantas outras existentes sobre as trajetórias de formação<sup>5</sup> destes três professores pois não compactuamos com a ideia de uma história única, tampouco uma única e completa interpretação. Dizemos que essa versão é uma versão possível, mas não única e tomamos esta ideia de Pinto, Souza, Silva (2021) pois, é a versão que nos toca e é possível diante dos objetivos escolhidos, das fontes orais produzidas, do que sabemos sobre o contexto e da maneira como estes eventos nos atingem.

---

<sup>4</sup> Sabemos que a versão histórica possível esboçada nesse texto será incompleta e isso justificaria pelo simples fato de termos um limitante no número de páginas. Mas também é importante ressaltar que não acreditamos na finitude de temas a serem explorados e enunciados, em relação as trajetórias profissionais destes professores. Entretanto, optamos por chamar de “uma versão histórica possível”, porque mesmo que incompleta, está é uma versão, dentre as tantas possíveis, sobre estas trajetórias.

<sup>5</sup> Para outras histórias das trajetórias profissionais de nossos colaboradores, recomenda-se o trabalho de Barreto (2017).

---

É também, a partir desta história possível que os leitores também farão as suas interpretações e constituirão outras interpretações dessa mesma história.

Histórias no plural, versões, movimentos construídos e enfatizados nos textos que buscavam a produção de múltiplas histórias em oposição a uma história definitiva. Cada narrativa produzida em momento de entrevista se mantinha

---

(e ainda se mantém nos trabalhos atuais) presente no corpo do texto com o objetivo de proporcionar a um futuro leitor produções outras em um movimento contrário à instituição de uma única história (PINTO, SOUZA, SILVA, 2021, p.5).

Sem intenção nenhuma de esgotarmos os antecedentes teórico- metodológicos desta pesquisa, em seguida, gostaríamos brevemente de apresentar os colaboradores de nosso trabalho, a fim de situar o leitor de quem são as trajetórias que nos ajudam a compor esta versão histórica sobre a formação de professores de matemática junto ao Curso de Matemática da Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

Regina Al- Alam Elias é natural de Pelotas-RS, egressa do Curso Normal do Colégio São José<sup>5</sup>, licenciada em matemática pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel) (1974) e é a primeira colaboradora que gostaríamos de apresentar. Regina, nos apresenta suas articulações, enquanto estudante de um Curso Normal que decide prestar graduação em matemática porque não entendia como outros colegas não gostavam de matemática. Ao ingressar no Curso de Matemática, sofre um preconceito ainda presente hoje: aluna, advinda de um Curso Normal, não sabe matemática. Ainda que as dificuldades se apresentem, termina o curso para realizar seu sonho. Sua narrativa é marcada pela pergunta: Como ensinar matemática?

Maria Emilia Tavares é natural de Pelotas, egressa do Curso Normal oferecido pelo atual Instituto Estadual de Educação Assis Brasil (IEEAB)<sup>6</sup> e ingressa no Curso de Matemática da UCPel em 1973, após uma escolha. Depois de prestar a seleção

---

<sup>5</sup> O Colégio São José foi criado em 1910, na cidade de Pelotas, pela iniciativa de um grupo de irmãs de São José. Inicialmente funcionava somente como um educandário feminino de cunho privado. Atualmente a instituição funciona sob o mesmo nome e oferece as modalidades de Ensino Infantil, Ensino Fundamental I e II e, Ensino Médio. Para saber mais sobre o Colégio, recomenda-se Arriada (2008).

<sup>6</sup> Para saber mais sobre o IEEAB, recomenda-se Rios e Rodrigues (2020).

para dois vestibulares – para o Curso de Engenharia da Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e para Matemática na UCPel – decide ficar em

---

Pelotas para graduar-se em matemática pois, residia neste município e já atuava como professora. Maria, assim como Regina compartilha o preconceito sofrido por ser

---

egressa de um Curso Normal. Sua narrativa é marcada por sua paixão por aspectos relacionados ao ensino de matemática.

Lino de Jesus Soares é natural de Arroio Grande e ingressa no Curso de Matemática investigado, em sua primeira turma, logo após sua criação no ano de 1960. No entanto, ao final do primeiro ano, interrompe o curso e o retoma em 1972. Lino, que atua como professor desde 1947, ao contrário de Maria e Regina que são egressas de um Curso Normal, para poder lecionar matemática precisa prestar o Teste de Suficiência<sup>7</sup> em 1957. Sua narrativa é marcada pela paixão pela história da matemática.

### **Trajetórias em um Curso de Matemática**

O Curso de Matemática da Universidade Católica de Pelotas foi criado pelo Decreto nº 47.737, de 2 fevereiro de 1960 (BRASIL, 1960), e o reconhecimento foi dado pelo Ministério da Educação em 1967 pelo Decreto 60.061, em 13 de janeiro de 1967 (BRASIL, 1967), tendo sido o primeiro curso de formação de professores de matemática da região<sup>8</sup> (MOREIRA, ROLKOUSKI, 2021).

No início, possuía disciplinas anuais, com aulas matutinas e vespertinas. No ano de 1984, foi transformado em Curso de Ciências – Habilitação Matemática, pela portaria 045/ MEC de 09/02/1984 (BRASIL, 1984). E em 1990, o Curso de Matemática

---

<sup>7</sup> Para saber mais sobre os Teste de Suficiência recomenda-se Baraldi, Gaertner (2013).

<sup>8</sup> Outros detalhes sobre o curso, bem como do cenário da formação de professores de matemática da cidade de Pelotas- RS estão sendo explorados em outros trabalhos produzidos pelos autores. Neste trabalho, em específico, nos ateremos ao período posterior ao que os professores ingressam no Curso de Matemática.

é reativado<sup>9</sup> e retoma na modalidade de Curso de Matemática- Licenciatura Plena (UCPEL, 2015).

Após a criação do Curso de Matemática da UCPel, Lino conta-nos que a estruturação curricular bem como a formação do corpo docente ficou, em parte, à encargo dos alunos que estavam dispostos a frequentar o curso. Diante do pedido

---

do então reitor, Dom Antonio Zattera<sup>10</sup>, Lino e seu colega Luis Carlos Correa da Silva foram até alguns professores que já possuíam formação superior, os convidar para integrarem o quadro de professores do Curso de Matemática.

Nós os dois fomos falar com alguns licenciados que tinham aqui, tinha o Irmão Apolinário no Colégio Gonzaga, O Franco Moriconi Rossi que tinha se formado na Itália, é... tínhamos também o Rafael Alves Caldellas que tinha se formado na Universidade do Porto. Então esse pessoal começou (PROFESSOR LINO, 2014).

O ingresso na primeira turma do Curso de Matemática foi dado por meio de um vestibular composto por uma prova de matemática, uma prova de língua portuguesa e uma prova de língua estrangeira. Para estas provas, Lino em um primeiro momento optou por realizar a prova de língua francesa, mas, para acompanhar os colegas que faziam a prova de língua inglesa, trocou de tema se juntando a eles. Ao final do primeiro ano de curso restaram cinco alunos dispostos a continuar o curso, mesmo tendo inscritos trinta e cinco pessoas.

Mas o curso inicial, acho que vale a pena mencionar isso, tinha geometria projetiva que hoje não tem mais, e astronomia teórica. Ele era praticamente uma cópia do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade de São Paulo, entende? Que o Dom Antônio trouxe cópias de lá de São Paulo, do Rio de Janeiro e me parece que do Espírito Santo, ele trouxe de um outro lugar também. Rio, São Paulo e eu acho que Espírito Santo. E aqui se montou uma comissão. Nós estávamos na comissão e ele repetia que nós teríamos que estar na comissão junto com os professores e chegamos à conclusão de

---

<sup>9</sup> Acredita-se que o Curso de Ciências – Habilitação em Matemática tenha sido interrompido durante alguns anos e reativado na Instituição, em 1990, sendo transformado em Matemática Licenciatura Plena ata nº 01/90 do COCEPE, implantação em 1990/1 (UCPEL, 2015).

<sup>10</sup> Dom Antonio Zattera: em 1942, Dom Antonio Zattera assume a Diocese de Pelotas. Seu legado na cidade é caracterizado pela fundação da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) (UCPEL, 2010).

<sup>12</sup>Para ver o currículo da USP e da FNF, recomenda-se Gomes (2016) e Cury (2007)

que o programa mais bonito era aquele da USP, da Faculdade de Filosofia, na época a Faculdade de Filosofia de São Paulo chamava-se Sapiencia, em latim (PROFESSOR LINO, 2014).

Ao que as narrativas indicam, o currículo da primeira versão do Curso de Matemática seguia o modelo conhecido na literatura como 3+1, ou seja, nos três primeiros anos as disciplinas eram voltadas a formação específica em matemática, ficando no último ano as disciplinas de caráter didático. Supomos que esse modelo se deve ao fato de o currículo ter sido baseado nos currículos ofertados pela USP e na FNFi<sup>12</sup>. Essa afirmação é corroborada por Gomes (2016) que nos indica que o currículo adotado na FNFi serviu de modelo aos currículos adotados no restante do país.

---

Faz-se necessário um parêntese para lembrar o leitor do período temporal que nossos colaboradores circularam pelo Curso de Matemática investigado. Professor Lino, ingressa na primeira turma do Curso de Matemática, mas no início do segundo ano o interrompe e volta em 1972, onde o conclui em 1974. Professora Regina ingressa no curso em 1970 e o conclui em 1974. Já a professora Maria Emilia ingressa no Curso de Matemática em 1973. Esse destaque em relação ao tempo se faz necessário uma vez que é apontado por Professor Lino que o Curso de Matemática sofre uma alteração curricular no período em que ele fica fora do curso.

Porque quando eu cursei no primeiro ano eu tive no primeiro semestre cinco aulas por semana e eu tive cálculo diferencial, de saída. E no segundo ano era cálculo integral. Quando eu retornei, o cálculo diferencial estava no segundo ano, não estava mais no primeiro e o cálculo integral estava também no segundo ano, porque o curso já estava semestral, já. E eu acho que foi um erro (PROFESSOR LINO, 2014).

Outra característica da trajetória de Lino que gostaríamos de destacar é a sua predileção por conteúdos das disciplinas tidas como de “núcleo duro”. Em meados da década de 1950, a cidade de Pelotas, localizada no interior do Rio Grande do Sul, ainda não possuía um curso de formação de professores, tampouco Lino possuía essa formação específica oferecida por uma instituição superior. No entanto, o seu fascínio pela matemática, o leva a estudar sozinho e a realizar diversas viagens em busca de cursos que pudessem o satisfazer. Um exemplo é uma ida a Montevideo, na

Universidade da República, patrocinado pela Organização dos Estados Americanos (OEA), para realizar um curso de topologia e álgebra moderna.

Em virtude dos cursos realizados ao longo de sua trajetória e antes mesmo de ingressar no Curso de Matemática, Lino nos aponta um outro detalhe sobre a sua formação.

Ah sim, quando eu entrei para universidade eu entrei de praxe do curso de cálculo, geometria analítica e análise. Física mesmo eu já tinha estudado tudo sozinho (PROFESSOR LINO, 2014).

[...] Então eu fiz o curso e fui muito bem. A única matéria do curso que me deu algum problema porque, até porque eu não gostava, era estatística. Não gosto de estatística! Mas o resto fiz bem, muito bem o curso. Fiz sem nenhum problema e aprendi bastante coisas do curso, eu não posso dizer que não tenha aprendido, aprendi, nisso não há dúvida nenhuma. Mas se eu não tivesse feito o curso... compreende? Eu não deixaria de continuar estudando ... (PROFESSOR LINO, 2014).

O professor comenta que a parte “matemática” de seu curso não foi um problema pois, já havia estudado a maioria dos conteúdos pertencentes ao currículo do curso. Já as professoras Regina e Maria Emilia, relatam que o Curso de Matemática se mostrou difícil nesse sentido.

Aí eu tinha que fazer o Curso de Matemática e, o Normal não dá nem física, nem química e nem matemática. A matemática que dá no Normal, é um pouquinho além, do que a gente tem que aprender a dar, de primeira à quarta série. Que vai ali, no máximo, das quatro operações, a alguma coisa com fração... Aí fiz vestibular na época e entrei na faculdade de matemática e sofri as consequências de não ter nada de matemática. Inclusive numa aula de cálculo, eu perguntei se o seno era o inverso do cosseno! O professor ficou tão bravo comigo, tão bravo que disse: “- Quem fez o Normalzinho, não merece resposta!” (PROFESSORA REGINA, 2015).

Então essa dificuldade eu tive, eu lembro muito bem que em uma das primeiras aulas que eu tive na graduação, porque naquela época matemática e a engenharia todo mundo tinha aula junto né? Então professor escreveu lá no quadro, não tem nada demais que eu diga o nome é um professor foi bastante antigo o Silvio Braunch, o prof. escreveu lá no quadro, eu me lembro:  $\ln(x)$

[...] não sei mais o quê. E tinha um colega da engenharia sentado ao meu lado e eu tipo assim: “- O que é aquele LN?” E ele disse para mim assim, cheio de grau: “- logaritmo neperiano”. E eu pensei comigo “estou no lugar errado”, porque eu não tenho a mínima ideia do quê que é isso. E aí eu tinha geometria analítica com o professor Paulo Caruso que era meu amigo também e eu disse para ele: “- Eu acho que vou desistir”. Mas ele disse: “- Tu nem pensa em fazer isso, porque tu não é a primeira nem a segunda. Só que tu vais ter que estudar muito mais do que os outros porque tu vais ter que fazer a parte de Segundo Grau que tu não tens” (PROFESSORA MARIA EMILIA, 2015).

Regina e Maria Emilia atribuem as suas dificuldades no Curso de Matemática à sua formação no Curso Normal. As duas professoras comentam, inclusive, sobre uma situação de preconceito sofrida, justamente por não terem sido alunas do Curso Científico, modalidade de ensino, que naqueles anos preparava os alunos para o ingresso em cursos voltados para as “exatas”.

Todavia, em contrapartida, a formação no Curso Normal, em especial para a professora Maria Emilia supera, em muito, a formação pedagógica oferecida pelo Curso de Matemática. Em sua narrativa ela evidencia, a importância do Curso Normal para a sua formação como professora de matemática.

Tive excelentes professores, excelentes professores de matemática como o professor Francisco Petrucci naquela época, né? Teve a Jurema Lopes de língua portuguesa, eu tive excelentes professores de didática, muito bons e eu digo que a parte pedagógica, eu dou graças muito mais ao curso de formação de professores do que ao Curso Matemática, a parte de conteúdo não, mas a parte pedagógica sim (PROFESSORA MARIA EMILIA, 2015).

Eu me lembro bem que a parte didática no curso de formação de professores era muito trabalhada. A gente fazia muito material, nós trabalhávamos muito material, material de frações, isso era realmente trabalhado no curso de formação de professores. Por isso que eu digo, este, em termos de material de coisa assim, me deu... eu tinha álbuns e álbuns de materiais, mas a maior parte eu acho que dei tudo. Mas eu tinha bastante material dessa parte. O curso de didática na Católica já não foi tanto assim (PROFESSORA MARIA EMILIA, 2015).

Professora Regina que inicia seus estudos no Curso de Matemática motivada por querer entender “o porquê” os alunos não gostavam dessa disciplina e relata que a formação no Curso Normal não “atingiu”<sup>11</sup> os conteúdos de matemática de uma maneira que ela considere ampla. Ela atribui a esta formação alguns problemas sofridos, relacionados a sua dificuldade na disciplina de cálculo, quando ingressa na graduação. Entretanto, também salienta que foi um desejo seu, ingressar no Curso Normal e não no Curso Científico.

[...] Eu comecei a dizer que eu queria fazer o Normal, que ensinava a dar aula. [...] “- Mas porque tu vais fazer o Normal?” “- Porque eu quero aprender a dar aula! Porque eu acho que, as minhas colegas não gostam de matemática, porque falta alguma coisa que eu não sei o que que é! Que o professor é que tem que dar!” Então tu perguntavas por exemplo, porque que tem que... a fração por exemplo. Porque que somar  $1/2+1/3$  tem que fazer um M.M.C? E a professora dizia: “- porque é assim”. Aquilo me dava um (risos) me movimentava por dentro, por quê? Porque eu queria saber o

<sup>11</sup> É importante relatar que não estamos julgando a formação Matemática oferecida no Curso Normal, só estamos relatando a maneira como a professora menciona essa oferta.

porquê também. Eu não sabia o porquê também e, eu nem sabia muito bem o que eu queria, porque com catorze anos tu... eu só sabia que queria aprender a dar aula de matemática (PROFESSORA REGINA, 2015).

Além das dificuldades, Professora Regina lamenta a resistência dos professores da graduação, para com os alunos advindos do Curso Normal. Essa situação deixa marcas em sua trajetória acadêmica.

Ah, então muitas colegas minhas desistiram do curso em função desta postura dos professores da licenciatura, que diziam, eu lembro que eu passei por este momento, que ele disse quem fez o Normalzinho não merece resposta, aquilo me marcou de uma maneira MUITO RUIM! Eu fazia as provas de cálculo e eu olhava o nome do professor acima da

---

prova, ali onde ele colocava “fulano de tal”, né? Eu olhava e eu tinha um bloqueio que eu tirava zero em todas, zero em todas as provas de cálculo (PROFESSORA REGINA, 2015).

A narrativa da dificuldade relacionada a “falta de matemática no Curso Normal”, entretanto, é superada pelos estudos em grupos com outros colegas da universidade. Professora Regina narra que teve ajuda do professor Lino, para superar algumas dificuldades.

Então o Lino ajudou bastante a gente. Tinha muitos colegas que ajudavam essas que vinham do Normalzinho né? Então a gente foi indo muito bem. Os colegas da física ajudavam a gente nas coisas de física. [...] Todo mundo na faculdade sabe como é né? A gente vai se ajudando [...] (PROFESSORA REGINA, 2015).

Se houve dificuldades em relação aos conteúdos “matemáticos”, conforme relatado por Regina e Maria Emilia, a formação no Curso Normal as preparou muito bem para a criação de planos de aulas e materiais manipuláveis, o que as professoras chamam de “parte pedagógica”. Professora Regina e Emilia destacam essa característica importante de sua formação, que ao contrário de professor Lino, não teve essa mesma oportunidade em virtude de sua trajetória autodidata.

Eu fazia um plano e eu tinha muita facilidade em fazer plano, porque a gente treinou muito né? Então eu tinha meu plano de aula todo direitinho, conforme eu tinha aprendido lá no magistério com todos os itens né, tipo assim: item um objetivo, item dois..., tudo certinho assim (PROFESSORA REGINA, 2015).

A gente fazia muito material, nós trabalhávamos muito material, material de frações, isso era realmente trabalhado no curso de formação de professores. (PROFESSORA MARIA EMILIA, 2015).

Diante destas afirmações fica nossa ressalva sobre a importância do Curso Normal, inclusive como espaço de formação de professores de matemática no período estudado. Moraes (2017), corrobora com esse apontamento, ao afirmar que “[...] este tipo de formação foi, por muito tempo, a responsável por suprir as necessidades do ensino primário e, por vezes, do ensino ginásial (mesmo não sendo sua função formar professores para esse nível)” (p.110). Isso acontece, porque mesmo que o ensino superior já houvesse sido regulamentado desde a década de 1930, o oferecimento de cursos de formação de professores de matemática nesse nível não se equiparava ao alto número de escolas secundárias espalhadas pelo país.

Diversos outros pontos poderiam ser destacados em relação as fontes orais produzidas com nossos colaboradores, sobre a sua formação no Curso de Matemática da Universidade Católica de Pelotas-RS ou sobre a sua atuação nas instituições escolares de Pelotas e região. Entretanto, paramos por aqui nesse momento. Conforme já comentado, outras questões relativas ao movimento de institucionalização do Curso de Matemática da UCPel estão sendo exploradas em outros trabalhos e na pesquisa de doutoramento que comporta esse texto.

## **Considerações**

Este trabalho buscou apresentar uma versão histórica possível da trajetória de três professores que cursam o primeiro curso superior de formação de matemática, da cidade de Pelotas-RS, situado no âmbito da Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

Regina, Maria e Lino nos apresentam através de suas trajetórias dificuldades, desdobramentos e suas articulações enquanto alunos de um curso superior em busca de uma formação específica.

É importante ressaltar que esse trabalho é parte integrante de uma pesquisa de doutoramento que busca tecer compreensões sobre a formação, atuação de professores de matemática e a criação e a institucionalização do Curso de Matemática da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), criado em 1960.

Por isso faz-se necessário evidenciar que estas considerações estão em aberto. Espera-se que ao final de nossos estudos, estes possam contribuir para a historiografia da educação matemática principalmente aquela voltada para a explicação de movimentos de formação docente.

## Referências

BRASIL. (1960). *Decreto nº 47.737, de 2 fevereiro de 1960*. Concede autorização para o funcionamento de cursos da Faculdade Católica de Filosofia de Pelotas. Diário Oficial, Brasília, DF, 8 de fevereiro de 1960. Seção 1, p. 2060.

\_\_\_\_\_. (1967). *Decreto nº 60.061, de 13 de janeiro de 1967*. Concede o reconhecimento aos Cursos de Ciências Sociais, Matemática, Física e História Natural da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pelotas. Diário Oficial, Brasília, DF, 17 de janeiro de 1967. Seção 1, p. 675.

\_\_\_\_\_. (1984). *Portaria nº 45, de 09 de fevereiro de 1984*. Autoriza conversão de curso da Universidade Católica de Pelotas. Diário Oficial, Brasília, DF, 13 de fevereiro de 1984. Seção 1, p. 2169.

GARNICA, A.V.M. (2016) *Pesquisa em História da Educação Matemática no Brasil: sob o signo da pluralidade*. 01 ed. São Paulo: Editora da Física.

GOMES, M. L. M. (2016). Os 80 Anos do Primeiro Curso de Matemática Brasileiro: sentidos possíveis de uma comemoração acerca da formação de professores no Brasil. *BOLEMA: Boletim de Educação Matemática* (Online), v. 30, p. 424-438.

MORAIS, M.B. de. (2017) *Se um viajante... Percursos e Histórias sobre a Formação de Professores no Rio Grande do Norte*. (Tese de Doutorado em Educação Matemática). Rio Claro: Universidade Estadual Paulista.

MOREIRA, L. L.; ROLKOUSKI, E. (2021). Premissas para a institucionalização do primeiro Curso Superior de formação de professores de Matemática de Pelotas-RS. *Caderno de Resumos do XI Workshop do PPGECEM-UFPR*. (pp.1-6). Curitiba: UFPR.

PINTO, T.; SOUZA, L.; SILVA, C. R. (2021). Movimentos político-epistêmicos na produção de histórias da formação de professores de Matemática em Mato Grosso do Sul. *Revista de Ensino de Ciências e Matemática*, v. 12, n. 5, p. 1-23, 24 ago.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS (UCPEL). (2010). *CATÓLICA: 50 ANOS*. Pelotas: Calábria.

\_\_\_\_\_. (2015) *Comissão Própria de Avaliação*. Pró -Reitoria Acadêmica: Cursos de Graduação. Pelotas.